

3º DOMINGO DE PÁSCOA

04 DE MAIO DE 2025

APOCALIPSE 5.1-14

1 TEXTOS DO DIA

1.1 Leituras do Terceiro Domingo de Páscoa

O Salmo 30 é um cântico em que o salmista reconhece, por um lado, a sua fragilidade diante dos inimigos e da morte (vv. 1,3,9), mas por outro lado, ele confessa sua confiança na ação vivificadora de Deus. Ao refletir sobre sua dependência absoluta da ação misericordiosa de Deus, Davi faz um cântico de louvor e gratidão e convida os santos a se unirem na adoração (v.4).

A leitura de Atos dos Apóstolos (que neste período de Páscoa toma o lugar da leitura do Antigo Testamento) relata o episódio da conversão de Paulo (Atos 9.1-22). O próprio apóstolo refere-se ao evento, dizendo que o Cristo ressurreto “foi visto também por mim, como por um nascido fora do tempo” (1 Co 15.8). O texto conclui mostrando Paulo proclamando Jesus como o Filho de Deus e Messias.

No Evangelho do dia - João 21.1-14 – o autor relata o que ele mesmo designa como “a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos depois de ressuscitado dentre os mortos” (v. 14). O evento descrito no texto traz semelhanças com o que ocorreu quando Jesus chamou seus primeiros discípulos (Lucas 5.1-11), com uma manifestação da autoridade de Jesus sobre a criação divina. No texto do dia, a realidade da ressurreição fica evidenciada com a presença concreta de Jesus, comendo com os seus discípulos.

2 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

2.1 Destaques no texto de Apocalipse 5.1-14

“Apocalipse 4 e 5 são uma dramatização da exaltação de Jesus Cristo à mão direita de Deus, do ponto de vista do céu.” (L. Brighton, *Revelation*– Concordia Commentary, p. 145).

A cena descrita em Apocalipse 5 é absolutamente fundamental para a compreensão correta deste livro tão cheio de mistérios e tantas vezes mal entendido. O centro de toda a narrativa de Apocalipse é Cristo e sua obra, aqui descrita pela sua aparição como o Cordeiro que havia sido morto (ele tinha marcas da morte – cfe. Lc 24.40; Jo 20.27), mas que estava vivo. Tomando o livro (na época, um rolo de papiro) da mão do Pai celestial, ele assume toda a autoridade como Deus e homem sobre a história da humanidade.

Os autores Carlos Mesters e Francisco Orofino assim comentam sobre o livro fechado, que agora é aberto por Cristo: “O livro fechado com sete selos simboliza o projeto de Deus a ser realizado ao longo da história. Desde o Antigo Testamento este projeto vinha sendo executado e realizado. Mas agora, no fim do primeiro século depois de Cristo, os poderes contrários a Deus pareciam ter tomado a dianteira e estavam conseguindo impedir a sua realização.

A infiltração da ideologia dominante e as hostilidades do império romano, ou seja, as dificuldades internas e externas, tudo fazia crer que Deus tivesse perdido o controle. A história parecia estar à deriva.... Quem poderia romper o impasse, quebrar os selos, abrir o livro lacrado, conduzir a história e fazer com que as promessas do Antigo Testamento se realizassem? Só mesmo alguém que fosse mais forte do que o poder da morte que dominava o mundo.” (Mesters e Orofino, *Apocalipse de São João*, p. 180).

Nas palavras de outro estudioso do Apocalipse, William Hendriksen, “o rolo fechado indica o plano de Deus não-revelado e não-executado. Se esse rolo permanece selado, os propósitos de Deus não se realizaram; seu plano não foi cumprido. Abrir o rolo quebrando os selos não só significa revelar o plano, mas cumpri-lo.” (Hendriksen, *Mais que Vencedores*, p. 110).

A pergunta feita para João – “Quem é digno ...?” (v. 2) não encontra ninguém em lugar algum do universo. O termo aqui traduzido por “digno” (ἄξιος) também pode ser entendido como “correspondente, comparável, próprio”. Ser digno, neste texto, implica pegar o livro que está nas mãos daquele que é o centro do céu e que tem poder e glória supremos. Quem estaria à altura para fazê-lo? Quem lhe é comparável? Trata-se de uma pergunta retórica, com a óbvia resposta: “ninguém”! Nenhuma criatura seria digna! E é exatamente o que João vê a seguir (v.3). A falta de habilidade/capacidade/poder significava falta de condições morais para agir como era necessário.

O elemento novo da narrativa, quando comparada ao conteúdo do capítulo 4 de Apocalipse, é a presença do Cordeiro. Jesus é apresentado como o “Leão de Judá”, expressão que vem de Gênesis 49.9, onde Judá é comparado a um leão, e como a “Raiz de Davi”, que lembra Isaías 11.1, ambas expressões remetendo ao Messias aguardado desde os tempos do Antigo Testamento. Chama a atenção que João recebe o anúncio de um Leão, mas vê um Cordeiro. Nesta dupla referência a Cristo se encontram força, domínio e poder, bem como mansidão, sacrifício e morte.

Jesus é digno pois venceu a morte e, como ficará plenamente demonstrado ao longo de Apocalipse, venceu o diabo, o pecado e o inferno. Mas o mais significativo é que sua vitória está associada ao sacrifício da cruz – “Digno és ... porque foste morto ...” (v. 9). Afinal, com sua morte, ele trouxe redenção à humanidade. Com sua gloriosa ressurreição fica demonstrado que sua morte não foi aquela de um mártir, que apenas serviria de exemplo moral. Foi a morte do Filho eterno de Deus, pela qual o preço da vida de cada ser humano foi pago. Agora, fruto de sua vitória é que Ele é o único que pode abrir o livro de Deus, sobre o destino do mundo; somente ele pode comandar a História do mundo, com base na Sua obra.

O Espírito Santo também tem um papel notado por João na sua visão gloriosa. Os “sete olhos” do cordeiro (v. 6) são os “sete Espíritos de Deus” (expressão que em Apocalipse refere-se ao Espírito Santo, cfe. Ap 1.4). A expressão sobre o Espírito lembra o texto de Zacarias 4.10: “Aqueles sete olhos são os olhos do Senhor, que percorrem toda a terra.” “Enviados” – o participio perfeito da língua grega dá ideia de que foram enviados

(passado) e agora (presente) lá estão. Glorificado em sua ressurreição, Cristo enviou o Espírito (Jo 20.22; At 2.33). Por meio dele, a obra de Cristo segue adiante, estabelecendo o reino de Deus (Mt 12.28; Rm 14.17). Jesus envia o Seu Espírito para a missão que Ele prometeu aos apóstolos (Lc 24.49; Gl 4.6). Cristo exerce sua autoridade pela ação do Espírito Santo, o Senhor e Doador da vida (Credo Niceno).

O tomar do livro serve como símbolo da entronização do Cordeiro. Pode muito bem ser uma figura da Ascensão de Jesus. Esta seria, então, a visão celestial da Ascensão. Os céus se alegram (v. 12-14) quando o Filho retorna. A cena lembra Daniel 7, onde o Filho do Homem recebe poder, autoridade e glória do Ancião de Dias.

A cena descrita em Apocalipse, seguindo o tomar do livro por parte do Senhor ressurreto apresenta um maravilhoso culto celestial, em que todas as criaturas passam a adorar aquele que se entregou à morte de cruz e que agora aparece vitorioso. As “taças cheias de incenso” (v. 8) são identificadas como sendo “as orações dos santos”. O uso da simbologia do incenso para a oração é usado no Salmo 141.2. Como os anciãos representam a totalidade da Igreja, sua ação retrata bem o culto da Igreja ao seu Senhor, reconhecendo ser Ele o único que é digno para salvar.

Importante lembrar que em Apocalipse a palavra “santos” se refere aos cristãos que estão na terra, não aqueles que já estão na glória. Assim, a menção às “orações dos santos” mostra a igreja na terra tomando parte no culto celestial. “Com os anjos e arcanjos e toda a companhia celeste louvamos e magnificamos teu glorioso nome” – diz a liturgia da Santa Ceia.

O cantar de um cântico novo (v. 9) já é mencionado no Antigo Testamento: Sl 33.3; 40.3; 96.1; 98.1; 144.9; 149.1; Is 42.10. Lá denota um vibrante cântico de louvor pelos feitos de Deus. Aqui no Apocalipse é o cântico em que a Igreja celebra a salvação concretizada por Cristo. Está dentro de um contexto onde há muitas coisas novas: um novo nome (2.17; 3.12); nova Jerusalém (3.12; 21.2); novos céus e nova terra (21.1); todas as coisas novas (21.5).

A pergunta do anjo (v. 2) havia sido sobre quem seria digno; na resposta aparece Cristo, o vitorioso. Neste episódio retratado pelo livro de Apocalipse fica evidenciado que a

dignidade de Jesus não se prende unicamente à sua natureza divina. Aqui a dignidade está ligada à sua vitória, que vem da sua morte sacrificial e substitutiva.

A obra de Cristo, celebrada no céu e já reconhecida pela igreja na terra constituiu pessoas de todos os lugares serem “reino e sacerdotes” para Deus (v. 10). A redenção adquirida por Jesus nos permite sermos povo de Deus, para podermos adorá-lo e servi-lo. Ser reino e sacerdotes manifesta-se de forma especial no culto da Igreja, quando ainda aqui, deste lado da eternidade, rendemos a Deus honra e glória e lhe dedicamos a vida que ele nos deu, com tudo o mais que a acompanha.

Anjos também participam do culto celeste (v. 11), pois não são desinteressados espectadores, mas vibram com a obra de Cristo na Igreja (Ef 3.10; 1 Pe 1.12). E assim, “toda a criatura” (v. 13) adora o Salvador. Note-se a semelhança na expressão do v.13 com aquela do v.3. Aqueles que em si mesmos são “indignos” podem louvar aquele que foi digno e fez para eles o que a eles era impossível. A criação agora, na sua totalidade celebra o Criador. Aqui se manifesta a razão de existir de todas as coisas - foram criadas para a glória de Deus, para lhe render louvor.

João vê nesta cena aquilo que se realizará plenamente na nova criação, em que os resultados completos e eternos da obra de Cristo serão motivo de eterna alegria do povo redimido e de sua adoração ao Deus Triúno.

3 REFLEXÃO HOMILÉTICA

É tempo de Páscoa. Terceiro domingo **de** Páscoa! A liturgia identifica sete domingos de Páscoa, indo até o Pentecostes. Não se trata de um exagero, mas de uma adequada ênfase no evento mais significativo da história – o início da ressurreição dos mortos, começando por aquele que é primícias dos que dormem. É a celebração da vitória do Senhor Jesus, que garante a nossa ressurreição e vida eterna nos novos céus e nova terra. Que os hinos de Páscoa não sejam esquecidos neste período e que a realidade do Senhor vivo esteja no centro de cada mensagem.

O texto de Apocalipse 5 poderia muito bem ser usado no dia da Ascensão de Jesus – a ascensão vista de cima – a chegada gloriosa do Cordeiro vencedor, que assume todo poder e autoridade sobre o universo (Mt 28.18; Ef 1.20,21; 1 Co 15.23-25). Neste terceiro domingo de Páscoa, o texto ressalta a domínio de Cristo sobre a história da humanidade e sua presença junto à igreja militante (Ap 7.1-8) e à igreja triunfante (Ap 7.9-17).

O que se destaca é o fato dele ser digno de tomar o livro nas mãos, pelo fato de ter entregue a vida para a redenção da humanidade – é teologia da cruz, pura e claramente, que traz consolo e edificação para o povo de Deus em sua jornada neste mundo. A ressurreição do Senhor, que estamos celebrando de maneira especial neste período (mas – vale lembrar – é o centro do culto ao longo de todo o ano), não ignora, mas pelo contrário sublinha a realidade da morte de cruz, pela qual o Salvador comprou para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

Gerson L. Linden
São Leopoldo / RS